



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

PRISCILA MIKAELI TAVARES MATOS

**ESCRITOS SOBRE A VELHICE FEMININA EM CONTOS DE CLARICE
LISPECTOR: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

ARAGUAÍNA-TO

2021

PRISCILA MIKAELI TAVARES MATOS

**ESCRITOS SOBRE A VELHICE FEMININA EM CONTOS DE CLARICE
LISPECTOR: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaína, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

ARAGUAÍNA-TO

2021

PRISCILA MIKAELI TAVARES MATOS

**ESCRITOS SOBRE A VELHICE FEMININA EM CONTOS DE CLARICE
LISPECTOR: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Data de aprovação: 30 de dezembro de 2021

Banca Examinadora:

Profa. Dr. Luiza Helena Oliveira da Silva – Orientadora - UFNT

Profa. Dra. Janete Silva dos Santos – Avaliadora – UFNT

Profa. MSc. Jacielle da Silva Santos – Avaliadora – SEE/PPGL/UFNT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M433e Matos, Priscila Mikaeli Tavares .
Escritos sobre a velhice feminina em contos de Clarice Lispector: uma análise semiótica . / Priscila Mikaeli Tavares Matos. – Araguaína, TO, 2021.
37 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.
Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva
1. Velhice feminina. 2. Clarice Lispector. 3. Literatura. 4. Semiótica discursiva. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada. Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto.

Clarice Lispector

A minha mãe, Sandra Maria Tavares Matos, que me ensinou a ser forte e corajosa, e a todos os idosos que cruzaram os corredores da minha vida, contando suas histórias, me ensinando a praticar o verbo amar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido força e coragem para enfrentar todos os obstáculos ao longo da minha jornada acadêmica. Não foi fácil, mas eu consegui.

Gostaria de agradecer a todos os meus professores pelos ensinamentos e contribuição ao longo da minha jornada docente, que me ajudaram a superar todas as dificuldades. Agradeço, em especial, a minha orientadora, professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, por ter acreditado que fosse possível o desenvolvimento deste projeto.

Agradeço a universidade UFNT, campus Araguaína por me ter possibilitado a realização deste sonho.

Agradeço aos meus familiares, que foram essenciais, pois me incentivaram e acreditaram no meu potencial. A família é meu alicerce e sem ela não seria possível a concretização deste momento.

Agradeço a minha mãe, Sandra Maria Tavares Matos, pelo incentivo e companheirismo. Seu auxílio foi imprescindível para conclusão desta etapa; sua amizade e amor foram luzes em meio a escuridão. Te amo mãe!

Agradeço ao meu pai, Manoel Pedro Tavares Matos pela sua dedicação e força. Agradeço ao meu irmão, Pedro Mickael Tavares Matos, por sua parceria e irmandade.

Agradeço ao meu trabalho por ter me possibilitado o contendo com os idosos, uma vez que foi de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a mim mesma por não ter me permitido desistir. O cansaço de plantões exaustivos, o esgotamento psicológico me fez duvidar, mas por teimosia eu cheguei até aqui.

Agradeço às professoras Dra. Janete Silva dos Santos e MSc. Jacielle Silva dos Santos, membros da banca de avaliação de TCC, pela leitura deste trabalho, já em período de recesso.

Por último, agradeço a todos os idosos que cruzaram a minha vida, trazendo seus conhecimentos e saberes, pois sem eles eu não saberia o que é amor.

O meu muito obrigada, assim, a todos que de certa forma fizeram suas contribuições para concretização de um sonho.

RESUMO

Este artigo analisa quatro contos de Clarice Lispector, nos quais a autora tematiza a velhice feminina. Os contos selecionados foram “Feliz Aniversário”, publicado na antologia *Laços de família*; “A procura de uma dignidade” e “A partida do trem”, no livro *Onde estiveste de noite* e “O grande passeio”, publicado em *Felicidade clandestina*. Pelas recorrências, partimos do pressuposto de que Clarice dá lugar de destaque a essa temática, considerando ainda a especificidade que confere à mulher, na condição de idosa. Na sociedade brasileira, marcadamente capitalista, a figura do idoso é vista disforicamente. Sua aparente inutilidade, seu “lazer permanente”, como ouvimos na voz de uma das personagens, parecem traduzir sua falta de sentido da continuidade de sua presença no mundo. A morte anunciada, mais do que a de todos os outros, é o que se parece esperar para quem vive mais do que devia. Nos contos, as mulheres sofrem com demência, em diferentes estágios, com a fragilidade física, com o abandono. Neles, buscamos identificar que temas se fazem presentes na figurativização da velhice. Para essa análise, mobilizamos categorias da semiótica discursiva, mais explicitamente relativas à semântica discursiva, levando em conta os processos de tematização e figurativização. Como se trata do gênero conto, são textos predominantemente figurativos, nos quais os temas são implícitos, a serem depreendidos pelo esforço de análise. Ali estão presentes a decadência física e mental, a pobreza, o alheamento, a morte, a figura do idoso como a de um estorvo. Apesar disso, ainda há lugar para o afeto e, mesmo, a sensualidade.

Palavras-chave: velhice feminina, Clarice Lispector, literatura, semiótica discursiva.

ABSTRACT

This article analyzes four short stories by Clarice Lispector, in which the author discusses female old age. The short stories selected were “Feliz aniversário”, published in the anthology *Laços de família*; “A procurar de uma dignidade” and “A partida do trem”, in the book *Onde estiveste de noite* and “O grande passeio”, published in *Felicidade clandestina*. Based on the recurrences, we assume that Clarice gives a prominent place to this theme, considering the specificity that it confers on women, in their elderly condition. In Brazilian society, markedly capitalist, the figure of the elderly is seen dysphorically. His apparent uselessness, his “permanent leisure”, as we hear in the voice of one of the characters, seem to translate his lack of sense of continuity in his presence in the world. The announced death, more than that of everyone else, is what seems to be expected for those who live longer than they should. In the tales, women suffer from dementia, at different stages, with physical frailty, with abandonment. In them, we seek to identify which themes are present in the figurativization of old age. For this analysis, we mobilize categories from discursive semiotics, more explicitly related to discursive semantics, taking into account thematization and figurativization processes. As it is the short story genre, they are predominantly figurative texts, in which the themes are implicit, to be inferred by the analysis effort. There are present physical and mental decay, poverty, alienation, death, the figure of the elderly as a nuisance. Despite this, there is still room for affection and even sensuality.

Keywords: female old age, Clarice Lispector, literatura, discursive semiotics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MULHER E ESCRITORA.....	14
2.1 Escrever para si e para o outro.....	16
2.2 Gênero literário: conto.....	16
3 DA METODOLOGIA: LITERATURA E SEMIÓTICA.....	21
3.1 Leituras de Clarice.....	21
3.2 Das categorias da análise semiótica.....	23
4 VELHICE FEMININA NOS CONTOS: UM OLHAR SEMIÓTICO.....	26
4.1 A procura de uma dignidade.....	27
4.2. A partida do trem.....	29
4.3 O grande passeio.....	32
4.4. Feliz aniversário.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema partiu das experiências de trabalho com idosos no hospital em que atuo como técnica de Enfermagem. Aprecio a sabedoria dos idosos, suas narrativas, escutar suas vivências e vejo o quanto necessitam de cuidados, de atenção. Ao mesmo tempo, a enorme admiração que tenho por uma das grandes vozes literárias femininas, Clarice Lispector, com sua escrita peculiar, despertou-me a necessidade de aprofundar em suas narrativas realistas a figurativização da velhice feminina, tema que atravessa como uma notável presença alguns de seus mais preciosos contos.

A escolha dessa temática se deve ainda à necessidade que vemos quanto à velhice no contexto brasileiro, considerando aspectos psicológicos, físicos e sociais. O ser humano, quando se encontra em idade avançada, passa a ter limitações, fazendo com que a saúde física e mental fique mais fragilizada. O corpo carrega dentro de si “as marcas da idade”. Infelizmente, é nesse momento da vida também em que o idoso fica mais sujeito a descasos familiares. Nessa fase, ficam mais dependentes dos cuidados de outras pessoas e estas nem sempre se fazem presentes.

Na nossa cultura que privilegia a juventude e a força de trabalho, o idoso fica desamparado e, com sua “utilidade” limitada para atender à dinâmica da sociedade capitalista, o ser humano idoso, passa a ser sancionado um peso, um fardo, com isso evidenciando-se a emergência de leis que garantam direitos aos idosos em nossa sociedade, mas que não incidem também sobre as dinâmicas do respeito e do afeto.

O modelo da sociedade capitalista fez com que a velhice ocupasse um lugar de marginalização na existência humana, de modo que não tem mais a possibilidade de produção, desse modo perdendo seu valor social. Conforme Mendes, “o papel social dos idosos é um fator importante no significado do envelhecimento, pois o mesmo depende da forma de vida que as pessoas tenham levado, como das condições atuais que se encontram” (MENDES *et al.*, 2005, p.424).

A aposentadoria é um dos direitos dos idosos que estão em um momento de improdutividade, mas a nova condição de vida pode implicar na maior fragilidade do sujeito aposentado: “os estudos sobre a aposentadoria revelam que, comumente e gerada uma crise no indivíduo” (MENDES *et al.*, 2005, p.424). A retirada do idoso no mercado de trabalho faz com que sua autoestima e a sensação de se sentir útil se reduzem gerando dessa maneira um abalo emocionalmente.

A Política Nacional do idoso (PNI), pela Lei 8.842/94 e regulamentada pelo Decreto 1948/96, estabelece direitos sociais, garantia da autonomia, interação e participação dos idosos na sociedade, como instrumento de direito próprio de cidadania. A Organização Mundial de Saúde – OMS definiu que é considerado população idosa o conjunto de indivíduos com 60 anos ou mais. É um direito que os cidadãos idosos sejam inseridos e amparados de todas as formas pela sociedade, pois sua interação nesta nova etapa deve ser fundamental para uma qualidade vida.

A lei nº 8.842/94 criou o conselho Nacional do Idoso, responsável pela viabilização do convívio, integração e ocupação do idoso na sociedade, através, inclusive, da participação na formulação das políticas públicas, projetos e planos destinados à sua faixa etária.

Além disso, lembremos que a família é a base de todo indivíduo e exerce uma importância fundamental nas relações. Nesse sentido, um aspecto a considerar é que “o indivíduo idoso perde a posição de comando e decisão que estava acostumado a exercer e as relações entre pais e filhos modificam-se” (MENDES *et al.*, 2005, p.425). Isso se dá porque o idoso, que era independente passa a ser inteiramente dependente, assim gerando uma reversão de papéis. Num dos contos de Clarice Lispector, que aqui analisaremos, *Feliz aniversário*, essa situação é visível na própria imobilidade da aniversariante, arrumada para a comemoração de seu natalício com horas de antecedência, posta à frente da mesa onde se situam o bolo atravessado pelo voo de mosquitos. Arrumada para a festa por uma das filhas, é colocada no ambiente como demais objetos preparados para a grande cena. Perdeu sua condição de decidir sobre ir e vir, ainda que tenha mantido seu poder simbólico de matriarca, a reunir a contragosto os filhos e noras em disputa hostil.

O ambiente familiar determina os aspectos comportamentais dos idosos, assim a família assume a responsabilidade de manter o equilíbrio entre o cuidado sem deixar a autonomia que o idoso ainda tiver. Dessa forma o idoso se sentirá zelado e ao mesmo tempo livre para fazer o que ainda estiver ao seu alcance físico e motor.

Diante dos aspectos acima, nosso objetivo neste trabalho foi o de analisar, sob a perspectiva dos estudos literários e da semiótica discursiva, produções literárias sobre a velhice feminina, considerando o modo peculiar que o texto literário tem de traduzir a dimensão dos afetos, os estados de alma dos sujeitos. Para isso, selecionamos contos de Clarice Lispector, considerando que a velhice é um dos temas recorrentes e, principalmente, pelo modo sensível como a autora a figurativizada nessa direção, elegemos os contos *O grande passeio* (1998), *A procura de uma dignidade* (1999), *A partida de trem* (1999), *Feliz aniversário* (1998). São quatro contos que tratam de problemas comuns vividos na velhice, como o abandono e a

indiferença, como emerge na voz de uma das personagens: “Não sei por que, mas ninguém conversa mais comigo. E mesmo quando estou junto das pessoas, elas parecem não se lembrar de mim. Afinal não tenho culpa de ser velha” (LISPECTOR, 1999, p. 29). Envelhecer, na sociedade capitalista, parece traduzir, assim, uma espécie de pecado, a impingir ao que envelhece a culpa pela perda da força, do vigor, da juventude, a culpa, portanto, por muito ter vivido e, por isso mesmo, se fragilizado.

São essas temáticas que organizam nosso trabalho, estruturado, além desta *Introdução* e a das *Considerações finais*, em mais três seções. Na primeira, *Uma escritora sem querer, mas sendo*, discorremos sobre aspectos biográficos relativos à autora, Clarice Lispector; na segunda, *Da metodologia: literatura e semiótica*, discorremos sobre a seleção do *corpus* e tratamos de aspectos que subsidiam a análise; na terceira, *A velhice feminina nos contos: um olhar semiótico*, apresentamos a análise dos textos selecionados, fundamentando-nos na semiótica discursiva, a partir das categorias relativas à semântica do nível discursivo, que compreende os processos de tematização e figurativização.

2 MULHER E ESCRITORA

Na literatura, o gênero conto emerge uma das mais tradicionais formas de narração, remetendo ao que parece ser uma necessidade da natureza humana: a de contar histórias. A esse respeito, Gotlib elenca registros que buscam sua gênese, encontrando-a em diversos momentos e culturas:

Para alguns, os contos egípcios – Os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da estória de Caim e Abel, da Bíblia, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias estórias que existem na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI a.C.), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C.) e inglesa (XVI d.C.); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII). (GOTLIB, 1990, p. 5)

Nas reflexões de um dos mais primorosos contistas, o argentino Júlio Cortázar, o conto corresponderá ao exercício do fotógrafo, enquanto o romance remete ao do cinegrafista. Isso não se dá apenas pelo caráter de maior ou menor condensação da narrativa, mas por sua perspectiva indicial, metonímica, pelo modo como acolhe o tema, pelo que recorta.

Retomando a imagem de um amigo argentino, Cortázar compara o contista ao boxeador, defendendo que o conto não pode dar trégua ao leitor, golpeando-o desde o início, fisingando-o de maneira implacável, para isso trabalhando de modo peculiar a linguagem. Em suas palavras, deve ser “incisivo, mordente, sem trégua, desde as primeiras frases” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). Tal característica se evidencia de modo magistral nos contos de Clarice, como se pode ver na primeira frase de *O grande passeio*: “Era uma velhinha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 29). A descrição se mostra aí mordaz e sintética, anunciando a personagem principal, pelo emprego de diminutivos que traduzem sua pequenez, ao mesmo tempo em que os adjetivos “doce e obstinada” parecem como contrapontos, a construir a ausência de consciência quanto ao estado de abandono em que se encontra. Nessa frase inicial, eis a síntese do que está por vir e tom implacável.

Em função desses aspectos, Cortázar ressalta ainda não é o tema o que se faz como relevante, considerado de antemão bom ou ruim, mas o modo de acolhê-lo e contá-lo:

Parece-me que o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isto que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida à do ímã; um

bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor e, mais tarde, no leitor, uma imensa quantidade de noções, antevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo das palavras, nos revela sua existência. (CORTÁZAR, 2006, p. 154)

Também aqui reconhecemos a estética de Lispector, recortando do reais situações aparentemente banais, mas que se traduzem como excepcionais, pelo ângulo que acolhe. Clarice Lispector desvenda as profundezas da existência da alma, privilegiando, ao tratar da velhice, os dissabores que remetem à condição feminina, na sua mais absoluta solidão, sua falta de lugar no mundo.

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, pequena aldeia da Ucrânia, chegando ao Brasil com apenas dois meses de idade. Era filha de Pinkouss e Mania, casal de origem judaica que migrou para o Brasil em março de 1926, fugindo do antissemitismo disseminado na Rússia durante a Guerra Civil Russa. A família de migrantes ucranianos fixou residência em Maceió, capital do Alagoas, onde já morava zaina, irmã de sua mãe. No processo de obtenção de cidadania brasileira, todos precisaram mudar seus nomes e, assim, a menina Haia tornou-se Clarice.

Em 1929, a família mudou-se para a cidade do Recife, Pernambuco, onde viveu sua infância no Bairro da Boa Vista. No grupo escolar João Barbalho, Clarice, aprendeu a ler e escrever ainda nova e em seguida iniciou a escrever pequenos contos. Aprendeu ainda inglês e francês enquanto ouvia o idioma dos seus pais, o ídiche.

Aos 9 anos ficou órfã de mãe, finalizou o primário e introduziu-se no Ginásio Pernambucano, colégio público da cidade. Com 12 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, com a família, onde foi morar no Bairro da Tijuca. Estudou no Colégio Sílvio Leite, onde frequentava constantemente a biblioteca. Em seguida, cursou a Faculdade de Direito e, em 1939, começou a trabalhar como redatora na Agência Nacional, como tradutora e jornalista no jornal *A Noite*. No ano de 1943 formou-se em direito. Clarice assim comenta a graduação: “Me formei por pirraça, só para provar que era capaz de levar até o fim” (GOTLIB, 1995).

Clarice casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente e, devido a sua carreira de diplomata, morou em muitos países como Itália, Suíça, Inglaterra. No ano de 1952, foi para Washington (EUA), no qual viveu com seus dois filhos, Pedro e Paulo Gurgel Valente, durante oito anos. Em 1959, separou-se do marido e voltou definitivamente para o Brasil. No ano de

1967, Clarice sofreu queimaduras graves no corpo decorrentes de um incêndio em sua casa provocado por um cigarro aceso esquecido. Foram feitas cirurgias plásticas e continuou a escrever. O trauma e sofrimento deixaram Clarice deprimida, recusando convites e homenagens, assim iniciando um recolhimento doméstico: “Clarice se tornou uma prisioneira dentro da sua profundidade” (GOTLIB, 1995). Faleceu de câncer, no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário de 57 anos de idade.

Mas Clarice é considerada hermética para alguns, e luminosa por outros, mas um mistério por todos. Quando ela morreu Carlos Drummond de Andrade escreveu: “Clarice Veio de um mistério partiu para outro ficamos sem saber a essência do mistério ou o mistério não era essencial. Essencial era Clarice vagando nele” (GOTLIB, 1995).

2.1 Escrever para si e para o outro

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo que escrevo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos. (LISPECTOR, 1992, p.145)

O processo de desmistificação da escrita Clariciana, que se faz presente ao leitor, um enigma e ao mesmo tempo o instiga, utilizando dos mecanismos ficcionais dos contos uma verdadeira novela real cheia de drama, mistério, e criatividade, sua genialidade ao narrar cada personagem particularmente contando suas próprias histórias, dores, vivências e velhices. Seus espelhos internos do eu locutor para tu interlocutor, assim Clarice usou do eu para tu de forma que, o interlocutor fosse envolvido e fisgado pela sua originalidade, Clarice assinou seu nome ao mundo sua legalidade se tornou épica, junto dos grandes autores literários.

2.2 Gênero Literário: Conto

O conto é uma das narrativas mais antigas, que nasceu antes da criação da escrita, foi passada de geração para geração pelo meio do hábito da fala oral. Os contos eram contados na finalidade de entreter e consistiam em relatos que não havia o compromisso com a realidade. Poderiam ser fabulas fantásticas, histórias de amor e situações do cotidiano, que atraíssem a atenção do interlocutor. Conforme GOTLIB (1985), esse gênero foi-se desenvolvendo até que assumiu a sua forma escrita e com o passar do tempo foram surgindo os escritores de contos. Assim o contador que apenas narrava histórias e acontecimentos, passou a ter a função de

contador-criador- escritor, pois ele não só contava as histórias existentes, mas criava fábulas e as passavam para o papel, dando então um caráter literário ao conto.

No estilo de escrita do conto, de acordo com CORTÁZAR (1974), o que difere o bom do mau contista é aquele que faz o seu conto ir além, pois consegue fazer sua narrativa ser revestida de significados, fazendo o ser humano viver e sentir situações descritas no papel.

A produção ficcional Clariciana inquieta até mesmo o leitor mais ingênuo, não há como passar ileso ao provar a força de suas palavras. Consideramos que, uma análise semiótica apoiará certamente no intuito de desmistificar a paixão, o amor, o abandono e a velhice, temática usada em muitos de seus contos, aquele jeito inovador, “Clarice de ser”. Apesar de que, a própria Clarice tenha revelado, em texto da contracapa de seu livro: “Não se preocupe em ‘entender’. Viver ultrapassar todo entendimento” (LISPECTOR, 1995, s/p).

Suas palavras para muitos trazem um entendimento sobre a si mesmo. Clarice tem poder de transformar palavras em sentimentos reais. Sua paixão ao escrever possibilita criar um mundo que se conecta entre ficção x a realidade, e o que é, real x o que é irreal. O seu eu implícito evidenciado em muitos dos seus contos, retrata uma mulher que está por vezes velha e vulnerável, ou, apresenta traços de envelhecimento. Os contos trazem abordagens próximas da realidade vividas por muitas mulheres que estão vivenciando um processo de envelhecimento do corpo.

Antes de apresentar definições semióticas com o seguinte tema: “*As Escritas sobre a velhice Feminina em contos de Clarice Lispector: Uma Análise Semiótica*”, vamos mostrar alguns dados importantes sobre o aumento da população idosa no Brasil. O aumento da população idosa no Brasil se dá de forma rápida e progressiva, e mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, possui um forte componente de gênero (SERASA, 2008).

A velhice é uma realidade no nosso país, o envelhecimento e a vulnerabilidade estão interligados. No conto intitulado “*O grande passeio*”, escrito por “Clarice Lispector”, inicia-se ao descrever as características físicas e psicológicas da personagem:

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembranças do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de outro. Quando lhe perguntava o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação:

- Mocinha.

As pessoas sorriam. Contentes pelo interesse despertado, explicava:

- Nome, nome mesmo, é Margarida. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Clarice retrata a situação precária e vulnerável em que se encontrava dona Mocinha (Margarida). Em *O grande passeio*, parece ser a condenação da velhice que orienta o pensamento que se passa na mente das pessoas ao se encontrarem frente a situações em que precisem lidar com algum idoso. De acordo com Souza (2003), a velhice do Outro se torna uma lembrança antecipada da própria velhice e o contato com a pessoa idosa abala as fantasias defensivas que são construídas como muralha contra a ideia de sua própria velhice. Por trás da necessidade obsessiva de acreditar na eterna juventude e rejeitar a face da velhice, encontra-se um certo desejo inconsciente de fugir à inexorabilidade das leis da natureza.

O processo de envelhecimento ocorre de maneira individualizada e específica de pessoa para pessoa. As mudanças sociais influenciam o modo de envelhecer da “Mulher”, o processo de “envelhecimento” é marcado não somente pelo tempo, mas por fatores físicos e a condição social em que vivem cada indivíduo (MORI; COELHO, 2004). O envelhecimento da população brasileira torna-se marcado perceptível pela feminilização da velhice e em 2000, 55% da população era do sexo feminino (CAMARANO, 2006). O volume de idosas passará de 18% no ano 2000 para 30,8% em 2050, indicando um envelhecimento específico da própria população idosa. Ocorrerá assim, em meio ao século, aproximadamente duas mulheres para cada homem entre os mais idosos (CARVALHO; WONG, 2008).

Apesar de inúmeras conquistas femininas, envelhecimento deixam feminino fazem com que, as mulheres idosas, estejam em situação de vulnerabilidade, a vários aspectos. O estado de estar em situação vulnerável idealizar a totalidade e declara os planos de ser individualizado e socializado relativamente integrais. (PAZ; SANTOS; EIDT, 2006).

Clarice em seu livro intitulado *Laços de família*, no conto, *Feliz aniversário*, descreve a personagem 89 anos, adjetivando suas características a seguir:

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta á cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra imponente e morena. Parecia oca. (LISPECTOR, 1998, p.1)

No trecho acima retirado, Clarice narra um acontecimento em que a personagem comemora seu aniversário 89 anos, o foco narrativo do eu narrador observador, descreve a idosa com afeições de quem já se encontrava cansada sem expressões conceptíveis de alegria.

Os idosos, sobretudo as mulheres, apresentam altas taxas de dependência e diminuição da capacidade operacional, de forma que levam a ter maior fragilidade e perda de autonomia, que impossibilitam a realização de atividades do cotidiano. (PAZ; SANTOS; EIDT, 2006). Um

estudo realizado pela OMS indica que as mulheres tenham uma expectativa de vida maior que os homens, a proporção de tempo vivido com patologia é maior. (CHAIMOWICT,2006).

Na obra intitulada *Onde Estivestes de Noite* (1999), Clarice Lispector reuniu dois contos no qual iremos analisar nos quais serão: *A procura de uma dignidade*, *A partida do trem*.

No fragmento retirado do conto “*A procura de uma dignidade*”, veremos, logo a seguir, a descrição de uma idosa:

A realidade exigia muito da senhora. Examinou-se ao espelho para ver se o rosto se tornaria bestial sob a influência de seus sentimentos. Mas era um rosto quieto que já deixara há muito de apresentar o que sentia. Aliás, seu rosto nunca exprimira senão boa educação. E agora era apenas a máscara de uma mulher de 70 anos. (LISPECTOR, 1974. p.16-17.)

Nas primeiras linhas, Clarice fala da realidade que exigia da “Senhora”, podemos tirar a conclusão de que a sua realidade não era fácil, as semelhanças que é perceptível entre os contos: “*Feliz aniversário*”, “*A procura de uma Dignidade*”, em ambos a Clarice utiliza de forma adjetiva ao retratar suas características físicas de suas afeições, deixando nítido que são idosas com almas inquietas, cheias de aflições que fica evidenciados nos rostos cansados pela idade. No fragmento “*Examinou-se no espelho para ver se o rosto se tornaria bestial sob influência de seus sentimentos*”. Observamos que, ela demonstra uma preocupação de si, em estar aparentemente com um rosto grosseiro, e evidente que, seus sentimentos no decorrer da sua vida trouxeram marcas e expressões que evidenciam *o seu eu interior para o eu exterior*.

As semelhanças fragmentadas dos contos, logo a seguir, “*O grande passeio*”, e, “*A procura de uma dignidade*”, vemos que, no *O Grande passeio*, ao narrar sobre a dona “Mocinha”, Clarice faz uma citação dizendo o seguinte: Quando lhe perguntava o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação:- Mocinha. À análise que, podemos ver evidências de uma senhora vulnerável, e sofrida, mas que mesmo assim, se dispunha de uma boa educação. Já no conto *A procura de uma Dignidade*, no trecho retirado que diz assim,” Aliás, seu rosto nunca exprimira senão boa educação”. A idosa de 70 anos possuía traços rígidos em seu rosto que eram vistos em seu próprio reflexo, mas que, ainda lhe exprimia uma boa educação. É perceptível que Clarice enfatiza suas características físicas, mas evidenciam que ficam evidentes seus traços psicológicos.

O próximo conto em que vemos trechos recontes a escritas femininas de mulheres idosas é um conto que também estar englobado na obra “*Onde Estivestes de Noite- 1ªEd. (1999)*. “*A partida do trem*”, o trecho que irei analisar é:

A velha bem-vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. (LISPECTOR, 1974, p.19.)

Em um diálogo internalizado da personagem que se encontra em estado de velhice, cujo nome é, Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo, ela pensa “*Mas que importa. Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se*”. Nesse trecho dona Maria Rita estava de despedindo da sua filha em uma partida de trem, nome intitulado do conto ao se despedir da sua filha o narrador observado revela que, “*Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir*”, ao dizer que recebeu um beijo gelado, nesse segmento em que narrador-observador revela que o ato Da filha de Dona Maria Rita ao beijar sua mãe foi expresso como fria e incessível. Dona Maria ao enunciar que, *velha não pode comunicar-se*, podemos tirar a conclusão de que dona Maria tinham dificuldades em ser escutada e desse modo faziam se sentir abandona pela filha.

3 DA METODOLOGIA: LITERATURA E SEMIÓTICA

Este trabalho consiste numa pesquisa de caráter documental e bibliográfico. Mobiliza tanto abordagens literárias da obra de Clarice, quanto da teoria semiótica. A seguir, apresentaremos essas duas perspectivas.

Conforme discorreremos na introdução, selecionamos da produção da autora textos que tematizam a velhice feminina, considerando o que identificamos como uma recorrência temática. Foram, assim, escolhidos os contos *Feliz aniversário*, que se encontra na coletânea *Laços de Família* (1998); *A procura de uma dignidade* e *A partida do trem*, ambos na coletânea *onde estivestes de noite* (1999); *O grande passeio*, no volume *Felicidade Clandestina* (1998).

3.1 Leituras de Clarice

Clarice Lispector tem um estilo literário inconfundível, presente em toda sua obra. A renovação da linguagem se encontra constante num grau que aproxima a prosa da poesia. Seus textos, apenas narram histórias, mas também apresentam a síntese e a força expressiva típicas da poesia. Além da linguagem, outro aspecto inovador na obra de Clarice é a visão do mundo que surge de suas histórias. Mesmo tendo se iniciado como escritora numa época em que os romancistas brasileiros estavam voltados para a literatura regionalista ou de denúncia social, Clarice enfoca em seus textos o ser humano em suas angústias e questionamentos existenciais.

Em suas narrativas, o enredo, bem como as personagens, as referências de tempo e espaço, ganhando assim, novos significados: o enredo é quase sempre psicológico. O tempo e o espaço, por sua vez tem pouca influência sobre o comportamento das personagens; o tempo é psicológico e espaço é quase acidental. A indiscutível originalidade e a perturbadora percepção da validade presentes, na obra de Lispector a tornam única dentro da literatura brasileira. É impossível ficar-se indiferente diante do texto de Clarice, pois a força da sua linguagem é a intensidade das emoções das suas personagens atingem em cheio o leitor, provocando no mínimo um incômodo estranhamento. É como se o texto convidasse o leitor a desvendá-lo e, desvendando-o, descobrisse um pouco mais do ser humano.

Em oposição a das tendências literárias atuais da década de 1940, a autora aparece em contraposição a enredo linear, em um momento literário na qual a linguagem seguia uma coordenação lógica para expor e manifestar os problemas histórico-sociais do nosso país. Antônio Candido em um artigo intitulado, *no raiar de Clarice Lispector*, Candido um crítico já respeitado, realiza um estudo que é um ato de compreensão à jovem escritora, mostrando o espanto diante da novidade de seu estilo. Realizando sua função de crítico, Candido diz que, a

jovem estreante se aproximava de uns poucos violadores da rotina literária, tais como Mário de Andrade, Oswald de Andrade.

Milliet também saúda a estreia da escritora:

Clarice Lispector tem o dom de dar as palavras, uma vida própria. Ela as cria, nesse sentido de emprestar-lhes um conteúdo novo, inesperado, que acaba espantando a criadora e lhe enchendo o espírito de fantasmas. Não as domina mais, então; elas é que tomam conta dela (MILLIET, 1981, p. 28).

Apesar de ser aclamada e ser reconhecida por muitos dos críticos literários da época, sendo vista como uma das principais escritoras da literatura brasileira, Clarice Lispector não deseja esse mérito. Sua intenção não era ser reconhecida como escritora e muito menos como autora, mas ser querer ser, mas sendo, ela se tornou autora de sua própria vida.

O universo ficcional narrativo de Clarice Lispector cria uma observação reflexiva sobre o cotidiano da mulher, seus hábitos, inquietações e postura perante a sociedade. Padrões ideológicos da época constituem elementos fundamentais na narrativa.

Ao mesmo tempo, nem sempre no enredo de suas obras existe uma sequência linear entre o começo, meio, e fim. Encontram-se presentes o tempo psicológico, a epifania, a fluidez da consciência dos personagens, captadas pelo discurso indireto livre.

Manifesta-se uma narrativa interiorizada, voltada para um momento de vivência da alma da personagem, ou do narrador. Circunstâncias externas e acidentais motivam o curso do pensamento, quase sempre atordoado pelos efeitos do que sofre. O narrador dos contos de Clarice observa situações de todos as perspectivas, o estado mental dos personagens é dramatizado em padrões e sintaxe do discurso comum do cotidiano.

Clarice Lispector constrói uma narrativa que se baseia no fluxo de consciência. Ao utilizar essa técnica, a autora tece um texto no qual a temporalidade e a causalidade não são tão óbvias quanto nos textos do regionalismo, por exemplo. Além disso, outra característica típica de Clarice “[...] é a composição de textos que se assemelham a uma conversa casual, fortuita. Em vez de procurar compor uma obra de arte unificada, a autora desses textos é, ao contrário, alguém que escreve como alguém que conversa” (RONCADOR, 2012, p. 15).

No conto “Feliz aniversário”, Clarice faz o uso do assíndeto (falta de conectivos). As organizações estruturas assindéticas tonificam o tom emocional e dramático e evidenciam a carga entonação da oração, criando algo que se aproxima de uma conversa cotidiana. O curso discursivo principal é a narrativa. Clarice utiliza da representação de cena, adicionando personagens, para gerar um efeito de tensão. O modo como a autora narra a cena, criando a narrativa em terceira pessoa, tornando capaz a visualização dos integrantes, fazendo com que o

leitor observa os acontecimentos. As construções sintáticas assindéticas através de períodos simples e curtos, favorece a criação da personagem principal do conto, dona Anita, cujas características são secas e duras.

Os personagens da escritora Clarice são atravessados pela epifania, decorrente de abertura da consciência em forma de inspiração e iluminação. Em termos semióticos, esse fenômeno pode encontrar correspondência na noção de acidente (LANDOWSKI, 2014), uma ruptura que comove e modifica o sujeito, levando-o a um estado imprevisto de forte comoção, como descrito antes por Greimas (2002). Com isso, ainda que momentaneamente, a personagens transforma-se, sob os efeitos contundentes do vivido.

Quando a personagem Sra. Jorge B. Xavier entra nos subterrâneos e das infinitas portas do estádio, manifesta-se uma reflexão a respeito do hábito de sua vida e sua real personalidade, além da inevitável necessidade de enfrentar seu desejo. Ao sair do estádio do Maracanã, não põe fim às suas dúvidas, a figura de uma mulher de idade perdida em seus próprios labirintos. Um diálogo que expressa com clareza seu eu internalizados dentro dos seus labirintos, diz assim: “de esguelha por um buraco feito só para ela” (LISPECTOR, 1999, p. 9), a Sra. Jorge B. Xavier entra no Maracanã por uma fenda misteriosa na qual ela mesma não lembra a origem, nem mesmo como entrou. No acontecimento entre a realidade e a irrealidade: o sentido “vagamente sonhadora” (LISPECTOR, 1999, p. 9) o parágrafo revela a abertura do percurso complexo da personagem em que sua capacidade física se configura para o estado mental, expandindo-se ao inconsciente.

Outro aspecto relevante a mencionar é que Clarice Lispector mobiliza com maestria o discurso indireto-livre, quando estão indeterminados os limites entre a fala do narrador e o pensamento dos personagens. O uso desse recurso possibilita adensar a dimensão subjetiva dos estados de alma dos personagens. O espelho e um componente existente em sua narrativa, nos revela um desejo de se descobrir.

Examinou-se ao espelho para ver se o rosto se tornara bestial sob a influência de seus sentimentos. Mas era um rosto quieto que já deixara há muito de representar o que sentia. Aliás, seu rosto nunca exprimira senão boa educação. E agora era apenas a máscara duma mulher de setenta anos. Sua cara levemente maquilhada pareceu-lhe e dum palhaço. A senhora forçou sem vontade um sorriso para ver se melhorava. Não melhorou. (LISPECTOR, 1999, p. 16)

3.2 Das categorias da análise semiótica

Conforme Bertrand, “O objeto da semiótica é o sentido” (2003, p. 11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do

conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é que a semiótica se ocupa do “parecer do sentido” (BERTRAND, 2003, p.11), a ser apreendido daquilo que a linguagem dá a conhecer. Sem considerar que o sentido possa ser recuperado, como num processo de decodificação, é compreendido como uma produção do leitor/ouvinte/espectador, a partir de um trabalho sobre os modos como este se constitui nos arranjos da linguagem.

Privilegiando em suas reflexões a noção de texto, Barros defende que a semiótica deve ser entendida como teoria que procura explicar os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano do conteúdo, a que se segue o exame do plano da expressão. Assim, para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica e pode ser resumida como simulacro das operações empreendidas pelo leitor ao engajar-se no ato de produção de sentido, considerando que perfaz um movimento progressivo de abstração. Esse percurso é compreendido por três patamares, denominados respectivamente como nível fundamental, narrativo e discursivo, cada um deles descrito e explicado por uma gramática autônoma (BARROS, 2011). A partir dessa metodologia, a semiótica discursiva proporciona subsídios para análise de diferentes textualidades.

Para este trabalho, vamos nos ater ao nível mais concreto e superficial desse percurso gerativo de sentido, o discursivo. Se cada nível é descrito em termos de uma sintaxe e uma semântica, selecionamos aqui a semântica do nível discursivo.

Conforme Barros (2011), os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação que assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido, sobretudo, de realidade.

Sinteticamente, podemos explicar que tematização corresponde à formulação de valores de modo abstrato, constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente. Ler um texto é sempre um esforço para apreender seus temas, que podem estar explicitados, como ocorre nos gêneros predominantemente temáticos, ou implícitos na rede figurativa, como nos gêneros predominantemente figurativos, como no caso do gênero conto.

Pelo procedimento de figurativização, figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial, remetendo, pois a elementos existentes no mundo natural. Uma narrativa de busca do poder-se e fazer pode tornar-

se um discurso temático sobre a liberdade com algum recurso figurativo esporádico, como nos discursos políticos ou nos textos filosóficos, ou apresentar-se como um discurso figurativo, recoberto, em sua totalidade, por figuras, como num conto, numa novela, ou num romance.

4 VELHICE FEMININA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Clarice Lispector narrou por vários temas ao longo de sua carreira profissional, dando grande destaque ao universo feminino. Privilegiando personagens marginais, como Ângela Pralini, entre tantas outras personagens marcantes, abordando como recorrência a velhice da mulher. Quando procuramos o sinônimo da palavra “envelhecer”, murchar, definhar são palavras referentes, ao envelhecer, que mostra que o idoso se faz com um corpo decadente. Assim temos a personagem Mocinha, protagonista de “O Grande Passeio”, do livro *Felicidade Clandestina* (1971). Publicado pela primeira vez em *A Legião Estrangeira* (1964) sob o título “Viagem a Petrópolis”, o conto retrata de maneira quase terna a condição de uma velhinha que vive num quarto dos fundos e que tem uma existência tão pequena que é quase despercebida pela família que lhe dá abrigo. Também encontramos como protagonistas mulheres idosas em “Feliz Aniversário” e “Os Laços de Família”, ambos publicados no livro *Laços de Família* (1960), e “A Partida do Trem”, publicado em *Onde Estivestes de Noite* (1974).

Clarice retratou a velhice em cada um deles, propõe-se uma pesquisa que tem por fim situar a senilidade da mulher na obra de uma autora que deu tanto destaque a figuras que vivem à margem da sociedade. “*Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão*”, escreveu certa vez¹.

Ao observar a existência de quem vive à sombra ou nas margens da sociedade, a autora criou personagens que, a despeito de sua pouca importância aparente, acabaram de certa forma iluminando os seres ao seu redor². Assim, partindo das dificuldades que uma mulher idosa enfrenta, outras personagens foram minadas pelo olhar de Clarice, trazendo ao nível do discurso questões como a vaidade e a falta de empatia. Cabe ressaltar ainda a relação entre o tema da velhice e o próprio fazer literário.

Clarice, que não se considerava escritora profissional³ por escrever apenas quando se sentia inspirada (BORELLI, 1982), geralmente estar associado ao tempo de espera, principalmente a espera pela história que escreveria. “Meu trabalho vem às vezes em nebulosa sem que eu possa concretizá-lo de algum modo. Passo dias ou até anos, meu Deus, esperando.

¹ Clarice Lispector escreveu essa frase na introdução do conjunto de textos “No fundo da gaveta”, que integrava a edição original do livro *A Legião Estrangeira* (1964).

² Desde tenra idade, Clarice já lidava com vicissitudes particulares. Vinda da Ucrânia com a família, que fugia da guerra, e enfrentando situações como a doença da mãe, é possível perceber, a partir da biografia da autora e de sua produção escrita, que a sua empatia com a situação de exclusão e com o sofrimento alheio tiveram significativas ressonâncias literárias. “Sempre tentou de alguma maneira solidarizar-se e compreender o sofrimento do outro, coisa que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava” (BORELLI, 1982, p. 14-15).

³ Na crônica “Por detrás da devoção”, Clarice lembra o dia em que sua empregada Aninha pede um livro dela para ler e, contrariada, a autora conta: “(...) pois não desejava atmosfera de literatura em casa, fingi que me esqueci” (LISPECTOR, 1999, p.36).

E, quando chega, já vem em forma de inspiração. Eu só trabalho em forma de inspiração” (BORELLI, 1982, p. 81). Essa ideia de tempo, certamente relacionada à passagem da vida, vale destacar em tradução livre o que apontou Margara Russotto sobre o assunto em *Música de Pobres*:

Em Clarice (...), percebemos que o propósito de narrar está separado da transmissão, em razão da situação precária da narradora em relação às condições de sua própria produção. Quais são os sinais dessas condições? Vejamos. Em primeiro lugar, o isolamento e a espera; espera do regresso dos filhos, de que surja uma boa história para contar, do instante que passa. Em segundo lugar, um espaço de incomunicação e de solidão: em uma mesa improvisada, talvez na cozinha, levantando-se de vez em quando para cumprir as ações mais fúteis (RUSSOTO, 1989, p.82)

Além do ponto da espera, é relevante lembrar, o sentimento de pertencimento como algo essencial, tão presente na obra da autora⁴. Ao apontar sobre a velhice, Clarice expressou sobre a exclusão de um grupo que, anulado na sua condição de detentor de um saber, que não faz mais parte da sociedade produtiva, não pertence mais a ela. Diante da perda de juventude e dos laços de pertença, o indivíduo se volta para sua interioridade na busca do algum sentido da vida. Assim, pelo esvaziamento da troca afetiva, é levado a permanecer num mundo interior, ideia a partir da qual é possível estabelecer um problema: o estudo de como as narrativas nos apresentam esse universo interno.

Nas seções seguintes, analisaremos os quatro contos selecionados. Como contos, trata-se de textos predominantemente figurativos, o que nos leva a buscar pelas figuras apresentadas – personagens, sua caracterização, localidades, paisagens, ambientação etc. a emergência de temas a partir dessa rede figurativa. Como tema que os atravessa, encontra-se a centralidade conferida à velhice.

4.1 A PROCURA DE UMA DIGNIDADE

O conto “A procura de uma dignidade”, presente no livro *Onde estivestes de noite* (1974), tem como protagonista Sra. Jorge B. Xavier, uma senhora de 70 anos, mas que aparentava ter 57 anos, conforme a idade que geralmente lhe davam.

O conto se inicia com a personagem Sra. Jorge B. Xavier perdendo-se nos corredores do estádio Maracanã, como em um labirinto. Estava à procura de um local onde ocorreria uma conferência da qual desejava participar e que, na verdade, seria em uma das casas nas

⁴ Na crônica “Pertencer”, publicada originalmente no Jornal do Brasil, em 1968, Clarice fala sobre o tema que o próprio título sugere. No texto, ela conta que foi gerada como tentativa de salvar a mãe, então doente, mas que o plano não deu certo. “Nasci de graça. Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino” (LISPECTOR, 1999, p.110), diz ela sobre a vontade de pertencer.

proximidades. Os detalhes exatos sobre a conferência não se encontram presentes no conto, mas Sra. Jorge B. Xavier justificava sua necessidade de estar presente em eventos culturais porque assim, se sentia jovem. Seu eu interior tinha a necessidade de se sentir jovem como se fosse um escape da sua realidade de sua realidade.

No decorrer da narrativa, vemos a jornada cheia de desencontros e frustrações vividos pela protagonista. A ideia do labirinto é retomada mais adiante, quando entra num táxi rumo ao Leblon guiado por um motorista que não conhece a Zona Sul, o que os leva a ficarem num contínuo movimento de retorno à mesma praça. O estado mental da personagem se deteriora, a ponto de, num primeiro táxi que toma, não se lembrar do próprio endereço: “– Moço, não sei bem o endereço, esqueci. Mas o que sei é que a casa fica numa rua-não-me-lembro-mais-o-quê mas que fala em “Gusmão” e faz esquina com uma rua se não me engano chamada Coronel-não-sei-quê” (LISPECTOR, 1974).

A personagem, no conto em terceira pessoa, é apresentada tão somente pelo nome do marido, como Sra. Jorge B. Xavier, o que traduz um apagamento de sua própria identidade, sob a lógica de um casamento convencional. Pergunta-se, em meio a seu labiríntico fluxo de consciência, por fim, por seu próprio destino, como se toda sua vida tivesse sido à deriva, sem tê-la vivido de fato:

Aconteceu então que a senhora também pensou o seguinte: era tarde demais para ter um destino. Pensou que bem faria qualquer tipo de permuta com outro ser. Mas lhe ocorreu que não havia com quem se permutar: quem quer que fosse, ela era ela e não podia se transformar em outra única. Cada um era único. A Sr^a Jorge B. Xavier também era. (LISPECTOR, 1974)

Além disso, instaura-se uma oposição entre o modo como se percebia internamente e a sua velhice, face externa que lhe mostrava a aparência de um “figo seco”.

Sua entrada ao estádio Maracanã se estreitando nos faz pensar como de fato tentava construir uma imagem digna no qual ela tanto procurava. A figurativização de uma mulher idosa que se estreitava para caber em um determinado local esgueirando por um buraco, expõe o instante caótico da decadência mental, o cansaço extremo da idade impondo-se sobre o corpo, a incapacidade de tomar para si os rumos da própria vida.

A passagem da protagonista por lugares estreitos e desconhecidos em meio a delírios e por vezes fantasiosos traz uma menção do que de fato é real. No primeiro parágrafo, temos: “Pareceu-lhe vagamente sonhadora ter entrado por uma espécie de estreita abertura em meios a escombros de construção em obras, como se tivesse entrado de esguelhar por um buraco feito só para ela” (LISPECTOR, 1984, p. 9).

O advérbio *vagamente* reitera o significado confusão, imprecisão, que corrobora a condição mental da personagem. A representação do tempo no conto acontece no espaço de consciência do personagem, e palavras como o advérbio “vagamente” reaparecem outras vezes no decorrer do conto acentuando a condição de incerteza e imprecisão.

A personagem recusa-se aceitar a velhice contestando o conformismo, contudo a personagem se despreza diante do seu corpo velho retoma ao pensamento de incapacidade da vida. O envelhecimento para Sra. Jorge B. Xavier era algo problemático e se mostra em diversas narrativas no decorrer do conto. A protagonista se dá conta de como suas transformações físicas causam espanto de si mesma e a outras pessoas, por vezes sentindo receio de parecer ridícula.

De modo inusitado, revela-se mais adiante uma espécie de uma paixão platônica pelo cantor de sucesso nos anos setenta, Roberto Carlos, denominando-se com o pronome demonstrativo “aquilo” algo que remete aos desejos de ordem sensual, ainda presentes na velha mulher:

Mas tudo o que lhe acontecera ainda era preferível a sentir “aquilo”. E aquilo veio com seus longos corredores sem saída. “Aquilo”, agora sem nenhum pudor, era a fome dolorosa de suas entranhas, fome de ser possuída pelo inalcançável ídolo de televisão. Não perdia um só programa dele. Então, já que não pudera se impedir de pensar nele, o jeito era deixar-se pensar e lembrar o rosto de menina-moça de Roberto Carlos, meu amor. (LISPECTOR, 1999, p.16)

Clarice utiliza trata então da sensualidade e da sexualidade de uma senhora de 70 anos, ainda que idealizando algo inalcançável, como uma possível relação entre o então o famoso cantor da Jovem Guarda e a senhora. Sentimentos reprimidos não vividos a atormentam por diversas vezes, num caos de sensações.

Temos, assim, a figurativização da velhice, o esvanecimento da memória, a decadência física e mental, mas, ainda nesse instante, a necessidade de amor e desejo.

4.2 A PARTIDA DE TREM

O conto traz como personagens centrais duas mulheres: Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo e Ângela Pralini. Diferem na idade e no pertencimento à classe social, como já indica a distinção enunciada pelo extenso nome da primeira. Além do nome, evidencia sua condição social pelo modo de vestir-se, como explicita o narrador de terceira pessoa: “Estava de vestido preto com gola de renda verdadeira e um camafeu de ouro puro. Na escura mão

esquerda as duas alianças grossas de viúva, grossas como não se faziam mais” (LISPECTOR, 1974).

O acaso as reúne num mesmo trem, sentadas frente a frente uma da outra, ambas evidenciando diferentes e complexos estados passionais revelados pelo narrador onisciente, que faz uso do discurso indireto-livre.

Maria Rita é a idosa que vai morar com um dos filhos no interior. Chega à estação saindo de um Opala, carro de luxo nos anos 1970, recebendo um “beijo gelado da filha”. Com posses materiais evidenciadas pela descrição atenta do narrador, sofre com a desatenção de sua filha, relações públicas:

Dona Maria Rita olhou de novo para o próprio anel de brilhantes e pérola no seu dedo, alisou o camafeu de ouro: “Sou velha mas sou rica, mais rica que todos aqui no vagão. Sou rica, sou rica.” Espiou o relógio, mais para ver a grossa placa de ouro do que para ver as horas. “Sou muito rica, não sou uma velha qualquer.” Mas sabia, ah bem sabia que era uma velhinha qualquer, uma velhinha assustada pelas menores coisas. Lembrou-se de si, o dia inteiro sozinha na sua cadeira de balanço, sozinha com os criados, enquanto a filha “public relations” passava o dia fora, só chegava às oito da noite, e nem sequer lhe dava um beijo. Acordara-se neste dia às cinco da manhã, tudo ainda escuro, fazia frio. (LISPECTOR, 1974)

Como nos demais contos em que a velhice é tematizada, aqui novamente a mulher aparece como um estorvo para os filhos. Neste conto, isso se mostra ao menos na percepção da velha, enunciada à companheira de viagem no trem: “Sou como um embrulho que se entrega de mão em mão” (LISPECTOR, 1974). Enunciar para si mesma a distinção trazida pela riqueza, comprovada pelo camafeu de ouro, alianças grossas ou anel de brilhantes parecem estratégias de poder que esconderiam sua fragilidade: a de ser como qualquer velha, pior ainda, como se mostra pelo uso do diminutivo, intensificando sua condição: velhinha.

A segunda mulher é Ângela Pralini, fugindo do namorado Eduardo e de uma relação que se mostrava inicialmente intensa a que se seguira a inevitável normalidade. Da plenitude, que não pode durar, pelo seu caráter excedente, caminharam para a extensidade átona, inconcebível para Ângela, que definhava com a decisão da separação, emagrecendo, correndo para a casa dos tios como fuga em nome de sua sobrevivência:

Quando ela e Eduardo estavam tão apaixonados um pelo outro que estando juntos numa cama, de mãos dadas, eles sentiam a vida completa. Pouca gente conheceu a plenitude. E, porque a plenitude é também uma explosão, ela e Eduardo covardemente passaram a viver “normalmente”. Porque não se pode prolongar o êxtase sem morrer. Separaram-se por um motivo fútil quase inventado: não queriam morrer de paixão. A plenitude é uma das verdades encontradas. Mas o rompimento necessário fora para ela uma ablação, assim como há mulheres de quem são tirados o útero e os ovários. Vazia por dentro. (LISPECTOR, 1974)

Em função do uso do discurso indireto-livre, em alguns momentos os pensamentos das duas personagens parecem misturar-se, como se uma partisse do que pensa a outra, ou sente. São duas mulheres, com histórias de vida distintas, idades diferentes, outra classe social, mas se aproximam por se encontrarem no mesmo momento, do mesmo vagão, cada qual trazendo consigo a intensidade de sentimentos e paixões:

A velha era anônima como uma galinha, como tinha dito uma tal de Clarice falando de uma velha despudorada, apaixonada por Roberto Carlos. Essa Clarice incomodava. Fazia a velha gritar: tem! que! haver! uma! porta! de saída! E tinha mesmo. Por exemplo, a porta de saída dessa velha era o marido que voltaria no dia seguinte, eram as pessoas conhecidas, era a sua empregada, era a prece intensa e frutífera diante do desespero. Angela se disse como se se mordesse raivosamente: tem que haver uma porta de saída. Tanto para mim como para dona Maria Rita. (LISPECTOR, 1974)

Nessa passagem, explicita-se o diálogo intertextual com o conto anterior, *A procura de uma dignidade*. O narrador ali se reporta à própria autora, Clarice, enunciador que tem o poder de pôr a idosa da história em desespero, usando a metáfora do labirinto para tratar do desespero de ruptura, de transformação, encontrando alguma saída, alguma fuga. Quem é a velha anônima como uma galinha? A Sra. Xavier? Maria Rita? Todas as velhas? Também para a jovem Ângela a busca de saída se impõe, o que a faz a fugir de Eduardo, escondendo-se na casa dos tios. Quem é a voz que critica a autora?

Acentuando o caráter disfórico e decadente trazido pela avançada idade, Maria Rita compreende que a velhice a tornara inútil, o que a faz pensar constituir-se como uma espécie de móvel velho na casa:

Dona Maria Rita era tão antiga que na casa da filha estavam habituados a ela como a um móvel velho. Ela não era novidade para ninguém. Mas nunca lhe passara pela cabeça que era uma solitária. Só que não tinha nada para fazer. Era um lazer forçado que em certos momentos se tornava lancinante: nada tinha a fazer no mundo. Senão viver como um gato, como um cachorro. Seu ideal era ser dama de companhia de alguma senhora, mas isso nem se usava mais e mesmo ninguém acreditaria nos seus fortes setenta e sete anos, pensariam que ela era fraca. Não fazia nada, fazia só isso: ser velha. Às vezes ficava deprimida: achava que não servia a nada, não servia sequer a Deus. (LISPECTOR, 1974)

Deprimida por sua idade, pensa em sua inutilidade no mundo, já condenada a não fazer, a não poder ou saber servir, num perpétuo lazer de quem se acha condenada apenas a “ser” e

ser “velha”. Nem na morte pensa, porque, considerando a normalidade e a previsibilidade de sua vida, até a morte lhe parecia excepcional demais para ser alcançada:

Como dona Maria Rita sempre fora uma pessoa comum, achava que morrer não era coisa normal. Morrer era surpreendente. Era como se ela não estivesse à altura do ato de morte, pois nunca lhe acontecera até agora nada de extraordinário na vida que viesse justificar de repente outro fato extraordinário. Falava e até pensava na morte, mas no fundo era cética e suspeitosa. Achava que se morria quando havia um desastre ou alguém matava alguém. A velha tinha pouca experiência. (LISPECTOR, 1974).

O narrador então revela pequenos orgulhos da velha, que reconhece não se encontrar em estágio de maior decadência física comum aos idosos: “Tinha, porém, orgulho de não babar nem fazer pipi na cama, como se essa forma de saúde bravia tivesse meritoriamente sido o resultado de um ato de vontade sua” (LISPECTOR, 1974). Não babar nem urinar evidenciavam que ainda de algum modo estava no controle do corpo, mantida a mínima dignidade.

O conto é finalizado com Ângela descendo numa estação e pensando que deixava ali adormecida a velha Maria Rita. Sente preocupação em abandoná-la, porque talvez tivesse se permitido dormir apenas por confiar nela.

Não fica claro se a velha saberia onde descer, nem se, talvez, em vez de dormir, estivesse finalmente morta, ainda que imaginasse poder chegar aos cem anos.

4.3 O GRANDE PASSEIO

O conto “O grande passeio”, de Clarice Lispector, também traz como protagonista uma velha conhecida ironicamente como dona Mocinha, mas cujo nome real seria Margarida. A protagonista é natural do Maranhão, mas foi morar no Rio de Janeiro, “no quarto dos fundos de uma casa, localiza em Botafogo”. Mocinha não sabe como chegou àquela casa, mas tem consciência de que vive de favor. Esquecida pelos membros que a abrigaram, passará a ser inconveniente que levará a família a querer livrar-se dela, enviando-a para a casa de um familiar em Petrópolis. O título remete, pois, a essa partida, mas pode também acenar metaforicamente para a morte.

O enredo desse conto traz uma temática bastante delicada relativa ao abandono e maus-tratos contra o idoso. Apesar de não ser explícita a violência física, fica nítida a situação precária em que vivia dona “Mocinha”, uma idosa que sobrevivia de esmolas dadas por terceiros, acomodada numa cama precária, alimentando-se pouco, definhando.

A solidão e a tristeza são vivenciadas pela personagem dona Mocinha que, apesar das dificuldades, ainda acha meio de sorrir.

Ao longo do conto vemos como a protagonista era menosprezada pelas pessoas que riam dela, ficando nítida a forma de tratamento conferida à idosa.

A esperança e anseios vinham através de lembranças de seus filhos e marido que haviam morrido. Encontrava-se completamente só, sem parentes vivos. A consciência da personagem é frágil, instável, com Mocinha vivendo, a despeito de tudo, em uma felicidade que por vezes era clandestina, sem destino e nem lugar. Ao ser enviada para Petrópolis, fica claro que o motivo da viagem era o de livrar-se da velha senhora, mandando-a para longe. Chegando lá, vai ser recusada pela família, que a deixa na rua, onde encontrará logo depois a morte.

Nesse conto temos como desfecho a morte da personagem, única saída para uma mulher já tão frágil mental e fisicamente, sem qualquer atenção e amparo.

4.4 FELIZ ANIVERSÁRIO

O conto intitulado como “Feliz Aniversário” tem como enredo central o aniversário de uma velha de 89 anos, com família extensa composta de 6 filhos, netos e noras. Por decisão dos irmãos, fora decidido que quem cuidaria da idosa mãe seria Zilda. No desenrolar do conto, fica clara a revolta e a amargura de Zilda por ser a única a organizar e a fazer tudo para a aniversariante.

Aos poucos chegam os parentes para a comemoração, que, pela decoração, lembra a de uma festa infantil. O barulho e a algazarra crescem, assim como a animosidade entre os familiares, que parecem ensaiar comentários e comportamentos, mantendo o mínimo necessário para uma convivência civilizada. Distante, ausente, imóvel, sabemos do pensamento da idosa, de sua altivez e arrogância pelos recursos trazidos pelo narrador onisciente. O mesmo recurso permite saber do desconforto de Zilda, o tempo todo agitada para atender aos convidados, com desagrado por assumir sozinha os preparativos. Nessa família cheia de mágoas e rancores, nem o momento dos parabéns parece dar certo.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito “89”. Mas ninguém elogiou a ideia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas — ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda,

servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, “vamos! todos de uma vez!” — e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês. (LISPECTOR, 1983)

Clarice em todos em seus contos utiliza das caracterizações físicas das personagens adjetivando suas qualidades e defeitos. A decepção e amarguras são visíveis neste conto, vindo pelo ponto de vista da idosa que não expressava nenhum tipo de manifestação no início da narrativa.

O narrador é de terceira pessoa e onisciente, também aqui traduzindo pensamentos e estados passionais dos personagens. Emergem como tema o ressentimento e o ódio vividos pelo meio familiar, assim como o desgosto e amargura da velha que desdenha e desqualifica os parentes, considerando-os fracos.

O desprezo é algo bastante visível nesse conto, no qual a velha aniversariante carrega dentro amargura e decepções. Embora os filhos acenem contentes, dizendo que voltarão no ano seguinte para mais uma comemoração, fica implícito que não acreditam que possa viver mais, que chegou ao máximo do que estaria previsto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita clariciana nos provoca reflexões acerca da vulnerabilidade da mulher, mas as obras aqui analisadas trouxeram questões sociais e psicológicas sobre a velhice feminina. Neles, o que se salienta é a decadência física, a fragilidade emocional, o abandono, a incapacidade de se integrar ao mundo. As personagens trazem interiormente aflições profundas do seu “eu”, cada uma com sua singularidade, traz dentro de si mesmo suas perspectivas em relação à vida.

A autora enfatiza complexidades vividas por mulheres idosas, convidando o leitor a aproximar-se dessas questões. As protagonistas são assim por dizer, mulheres em diferentes formas físicas, e psicológicas, mas o que há em comum entre elas é seu definhamento em função da idade.

No conto “O grande passeio”, as situações cotidianas vividas por Dona Mocinha nos fazem enxergar a velhice traduzida como abandono. Uma pessoa a leva do Maranhão ao Rio com promessa de cuidado, mas logo se esquece da velha e a deixa à deriva, até que encontra a casa que lhe destinará o quarto dos fundos, como num gesto de generosidade de que depois lhes parece excessivo. A saída dada para tanto abandono e precariedade será o encontro com a morte, enquanto se distraía com a paisagem bonita da serra de Petrópolis.

“A procura de uma dignidade” traz um viés acerca dos dilemas existências enfrentadas por mulheres idosas e suas limitações físicas e psicológicas. É ali apenas que Clarice explora a sensualidade feminina na maturidade, a partir do encanto da personagem pelo então jovem e famoso cantor Roberto Carlos.

“A partida de trem” traz o enredo de duas personagens Maria Rita e Ângela Pralini. De idades e histórias distintas, carregam dentro de si inquietações, angústia e limitações. O final em aberto sugere, por fim, a possibilidade de que a velha e rica mulher tenha também encontrado a morte, enquanto se achava em fuga.

“Feliz aniversário” nos conta amarguras e desprezo, desvelando as falsidades e conflitos de uma família burguesa. A velha é um estorvo, de quem ninguém quer de fato se ocupar, mas encenam, hipocritamente, algum afeto, na comemoração que mal esconde as intrigas e dissabores.

A construção de sentidos evidencia as complexidades enfrentadas por todos as personagens em suas diferentes formas e idades. Se tem algo que Clarice fez com maestria, foi o domínio da palavra e da escrita traduzindo o intraduzível na nossa experiência de ser no mundo. Nossa leitura poderia ir mais longe, mas foi esse um primeiro exercício de pensar uma

temática recorrente em sua produção e ver o modo como traduz a velhice, particularmente a da mulher.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica de texto**. São Paulo: Ática, 1995.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.
- BORELLI, O. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências [texto na Internet]. Brasília; 1994. [citado 2005 maio 18]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm
- CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARVALHO, J. A. M.; WONG, L. R. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 24, v. 3, p. 597-605, mar. 2008.
- CORTAZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.147-163.
- FIORIN, J. L. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 5, n. 2, 2007.
- FONTANILLE, J, Le tounant modal en semiotique. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v23, p.182,1995.
- GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Trad. Ana Cláudia Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.
- LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza H. O. Silva. São Paulo: CPS, Companhia das Letras e Cores, 2014.
- LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 29-38.
- LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 9-35.

MENDES, M. R.S.S. B.; GUSMÃO, J. L.; FARO, A. C. N.; LEITE, R. C. O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul Enferm.**, 18 (4), p. 422-426, 2005.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico II**. São Paulo: Martins Edusp, 1981.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, n. 17, v. 2, p. 177-187, 2004.

PAZ, A. A.; SANTOS, B. R. L; EIDT, O. R. Vulnerabilidade e envelhecimento no contexto da saúde. **Acta Paul Enferm.**, n. 19, v. 3, p. 338-342, 2006.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. **Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada**. Belém, 2003.